



Imobilhados faz do espectador um voyeur da solidão alheia

Rodrigo Morais Leite¹

Imobilhados, título do espetáculo apresentado pelo grupo Máscara Encena na 32^º edição do Festivale, revela-se, no trocadilho de que se compõe, uma boa chave interpretativa para analisar o que se viu no Teatro Municipal de São José dos Campos no último dia 9. Composto da união de três palavras em sequência (imóvel, móvel e ilhado), trata-se de um título que resume com felicidade a temática da obra, centrada na solidão do mundo contemporâneo, no qual a grande maioria das pessoas vive cada vez mais isolada em seus apartamentos, verdadeiras ilhas de refúgio num mar de caos e transtorno urbano.

Para trazer esse assunto à tona estetizado em linguagem teatral, o grupo gaúcho recorre a uma série de recursos, dentre os quais se destacam, em termos cênicos, o uso da máscara expressiva e a configuração do cenário, este composto de uma estrutura vertical em madeira capaz de dividir o espaço em inúmeras áreas de atuação, cada uma representando um apartamento ou os recintos comuns de um prédio. Trata-se de um caso no qual o cenário determina a própria dramaturgia da obra (dramaturgia de cena, bem estendido, visto que *Imobilhados* dispensa completamente o uso de falas).

Estruturada, quase sempre, em pequenas cenas que se desenrolam nos compartimentos mencionados, ora num ora noutro, à medida que elas se sucedem o público vai tomando conhecimento de quem seriam basicamente as personagens que habitam o suposto edifício, realçadas pelo uso da máscara, elemento apropriado para a composição de tipos. Com efeito, nessa fase preambular, são mostradas certas figuras como, por exemplo, uma mulher solteira e carente, um musicista retraído, um

¹ É doutorando e mestre em Artes Cênicas pela Unesp, onde desenvolve pesquisa nas áreas de crítica e história do teatro brasileiro. Lecionou teoria teatral na Escola Livre de Teatro de Santo André e na Escola Viva de Artes Cênicas de Guarulhos.

estrangeiro (ou estrangeira?) austero(a) e inconveniente, uma síndica com mania de limpeza e outras mais.

De início apresentadas isoladamente, na forma de “fragmentos de vida”, aos poucos essas figuras começam a se entrecruzar, artifício que serve para revelar a solidariedade que permearia a relação existente entre elas, ou pelo menos entre algumas delas. A grande expectativa lançada pela dramaturgia fica por conta do encontro entre a moça solteira e o musicista retraído, personagens que, em *Imobilizados*, adquirem certo protagonismo, embora discreto. No desfecho, depois de alguns pequenos contratempos, eles acabam juntos, unindo, como se costuma dizer, as escovas de dente.

Contudo, ao contrário do que pode parecer, isso não significa exatamente um final feliz, na medida em que, conforme sugere um jogo de cena simples efetuado pela moça na parte derradeira do espetáculo, demonstrando mais interesse num aplicativo de celular do que no namorado novo, a solidão não acaba ali. Ela apenas muda de configuração, tornando-se “solidão a dois”.

Para fazer dos espectadores verdadeiros *voyeurs* desse microcosmo urbano, além do cenário e da dramaturgia de cena que dele decorre, são essenciais em *Imobilizados*: a precisão das marcações e das entradas e saídas, reveladoras de um virtuosismo ímpar; a trilha sonora, que exerce uma função dramática importante; e a luz, em última instância a grande responsável pelo componente narrativo do espetáculo, revelando ao público o que deve e o que não deve ser visto. Isso sem contar, é claro, os jovens atores e atrizes gaúchos que compõem o grupo, corporalmente perfeitos em suas máscaras, de modo a evidenciar, logo no início de suas carreiras, uma pesquisa aprofundada dentro da linguagem teatral a que se propuseram explorar.